

SEXO CORTÊS

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência:

VIEIRA, M. A. . Sexo cortês: sobre o imaginário da aparência na sexualidade. Clique - Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano, Minas Gerais, v. 2, p. 15-19, 2003.

A Ciência e a *doxa*

A relação sexual não existe. O célebre aforismo de Lacan provoca estranhamento mesmo quando se está advertido de que ele não se refere ao ato sexual, que felizmente existe, mas sim a uma conformação natural entre os dois sexos. Não faltam relações, falta a proporção, a medida - biológica por exemplo - que estabeleceria uma complementaridade ou simetria prévia entre homens e mulheres.

Por apoiar-se em uma evidência, a máxima tem efeito de verdade imediato. Afinal, as coisas não costumam dar certo entre homens e mulheres. Deste modo, não estamos diante de uma afirmação puramente dogmática. Ela tem status de constatação. Não é preciso que se admire e se dê crédito a quem a enuncia para compartilhar em algum grau deste enunciado.

No próprio momento em que o admitimos, porém, nasce o estranhamento, por conta da aparente radicalização a que nos convida Lacan. Estamos prontos a aceitar que o sexo humano seja muito pouco rígido. É mais difícil aceitar que não exista nenhuma orientação natural do homem em direção à mulher e vice-versa. Não tem a ciência, inclusive, fornecido provas do contrário? Não estamos sempre às voltas com notícias de que o amor é determinado, por traços genético-humorais, como na passagem abaixo?

O que chamamos de amor depende profundamente dos estratagemas naturais da bioquímica viva. Por exemplo, os odores que consideramos sexualmente atraentes no sexo oposto correlacionam-se com o potencial de sistemas imunológicos sadios em nossos descendentes. Num experimento realizado para discernir relações entre a atração sexual e os ferormônios, mulheres cheiraram camisetas com que alguns homens tinham dormido durante várias noites. Verificou-se que elas preferiam os cheiros correlacionados com as proteínas de histocompatibilidade que lhes faltavam. Em outras palavras, excitamo-nos com aqueles que têm sistemas imunológicos complementares.¹

Apesar do grotesco desta troca de amores por odores, não podemos deixar de levá-la a sério. Este exemplo, retirado de uma obra de vulgarização, conjuga os elementos da *doxa* de aparência científica reinante em nossos dias. Ela professa que existem determinantes acessíveis a procedimentos de laboratório dirigindo o teatro dos sexos. Termos como “genético” ou “orgânico” situam, para esta visão, o real em jogo. Trata-se de um real que, a menos a princípio, pode ser delineado, visualizado e que, desde que se tenha os instrumentos eficazes em mãos, tem forma e sentido. A este real, apreensível, cede lugar toda a encenação tida até então como parte integrante ao jogo amoroso.

Felizmente, este não é o único modo de lidar com o real. Se assim fosse, a psicanálise seria quase um embuste ou, na melhor das hipóteses, um tosco microscópio da alma, felizmente em vias de ser substituído pelas técnicas atuais de imagem cerebral, *pet-scan*, ressonância magnética etc. Afinal, se podemos ter acesso direto ao cerne da

sexualidade humana, restringir-se à grande encenação discursiva que a cerca, privilegiar sua retórica é, no mínimo, contentar-se com um papel coadjuvante com relação às técnicas terapêuticas modernas.

Ironicamente, a própria ciência nos possibilita pôr de lado esta versão pseudo-científica do senso comum e considerar que a psicanálise tem outro papel a desempenhar. De fato, um abismo separa esta dicotomia platônica - que reúne um real apreensível e seus simulacros - e o procedimento próprio da ciência.

A ciência moderna está bem menos em sintonia com o senso comum do que um exemplo como esse parece indicar. Tendo na física matematizada seu paradigma, ela rompe com a *doxa* quotidiana ao constituir um protocolo de testagem e cálculos para atuar sobre o real, sem que para isso seja necessário conhecer seu aspecto, sua face.² Tomemos o exemplo da hélice de DNA. A bela imagem da dupla hélice, que consta na capa de tantos livros de ciência, desempenha papel secundário nas pesquisas genéticas. Não é preciso, que ela seja um fiel retrato do que existe em nossas células. É sobretudo sua arquitetura lógica, sua estrutura formalizada que permite estabelecer relações e intervenções. Ao esquematizá-la, Watson e Crick, seguem a ruptura situada por Koyré em Galileu – ponto de nascimento da ciência moderna – e constituem um tratamento do real que prescinde da relação de fidelidade entre cópia e copiado, fundamental quando se utiliza modelos, mas de menor importância quando se trabalha com estruturas, como é o caso da ciência.

O mesmo ocorre com o Projeto Genoma. O genoma humano é, para a ciência, a esquematização de todas as bases protéicas de nosso código genético. Constitui-se de uma série de variáveis a partir das quais pode-se testar combinações e gerar produtos destas combinações. Ele não “explica” o sexo e nem mesmo a maior parte das doenças hereditárias. Apenas em um segundo momento intervém a *doxa* e toma o projeto genoma por seu aspecto imaginário - o de um mapa de causalidade para todos os acontecimentos do universo humano, a face de Deus, o sentido do real.

Justamente, por abandonar a analogia, o imaginário do modelo, a ciência ganha uma liberdade jamais vista, pois, sem perguntar-se que efeitos sua ação terá sobre a humanidade, pode modificar esta ou aquela articulação cromossômica e engendrar efeitos dos mais insuspeitados. Entende-se porque Freud sempre exigiu para a psicanálise o status de ciência da natureza, algo equivalente ao das nossas ciências exatas. Há semelhança nos dois procedimentos, pois a psicanálise surge quando, submetendo seu saber ao das históricas, descola-se dos significados prévios para compor novos sentidos a partir de combinações literais, entre significantes. O que é a associação livre senão "desatar as amarras da palavra", liberar o falante dos laços, de coerência, assim como os de cortesia e de bons modos?³ Freud assumiu a necessidade de deixar em segundo plano a postulação platônica de significados fundamentais em uma existência, para trabalhar a partir do que a estruturação da narrativa produz como verdade singular.⁴ Desta forma, há uma mudança na ciência moderna e na psicanálise que corresponde, em termos lacanianos, à subordinação do imaginário ao simbólico.

Ocorre, no entanto, que esta mesma liberdade revolucionária da ciência no que diz respeito aos grandes lastros de sentido de uma cultura (os direitos humanos por exemplo), sua capacidade de produzir efeitos concretos a partir de combinações aleatórias, pode engendrar mudanças calamitosas. Ao liberarmos os significantes das amarras do sentido, eles começam a se recombinar quase que por si só, estabelecendo novas cópulas e produzindo efeitos no real. A cena evocada no exemplo acima perde seu aspecto cômico e ganha contornos assustadores se estamos familiarizados com o potencial, na atualidade, de uma ciência que levou às últimas conseqüências seu procedimento próprio. É muito

provável que a divulgação de experimentos como esse acompanhe-se do lançamento no mercado de novas drogas, o *Ferormonex* por exemplo, que garantirá a atração de determinados espécimes do sexo oposto, ou ainda a realização de manipulações genéticas que eventualmente farão com que se possa escolher a fragrância de um futuro filho.

Sobre a aparência

Após este rápido *zoom* epistemológico, na linhagem de Bachelard e Koyré, podemos assumir que a ciência moderna tem pouco a dizer sobre a relação sexual (no sentido de Lacan). Neste campo, ela atua, por exemplo, estabelecendo um protocolo operacional para a reprodução assistida, sem se interessar pelas condições subjetivas que presidiriam a esta reprodução. Por prescindir inteiramente de Adão e Eva, a ciência é capaz de garantir a reprodução ali mesmo onde o bom senso, atrelado à *gestalt* do casal natural, dizia ser impossível: *in vitro*. Ao mesmo tempo, a sistemática subordinação dos parâmetros do razoável a uma lógica implacável está na origem de enormidades, como as câmaras de gás dos campos de extermínio.⁵ Não é de espantar que o imaginário, reino tanto do bom senso quanto das polarizações, retome suas forças a todo vapor no ideário contemporâneo, seja na perspectiva de uma ciência que, um dia, tudo explicará, seja na demonização desta mesma ciência, acompanhada pela promoção de meditações transcendentais, guias para a espiritualidade etc.⁶

Precisamos agora delimitar como a psicanálise recoloca em cena aquilo que a ciência exclui sem retornar à dicotomia real/simulacro da *doxa*, a partir da qual só lhe restaria o papel de uma técnica a mais de autoconhecimento.

Dentre as ferramentas conceituais utilizadas por Lacan para situar esta especificidade da psicanálise e indicar sua diferença para com a ciência, a noção de sujeito tem lugar destacado.⁷ Assim como o cientista, o psicanalista não orienta sua ação pelo imaginário, que em seu campo presentifica-se, entre outros, nos sentidos primordiais que norteiam uma existência, tanto no nível geral (igualdade, liberdade e fraternidade), quanto no particular (as lições aprendidas com o pai, por exemplo). Noções como estas delineiam o campo da personalidade, do ego, e instituem-se como parâmetros de sua ação. Neste conjunto de atributos e particularidades a psicanálise distingue o sujeito como ponto cego, atributo paradoxal que se inclui na lista de qualidades sem exibir nenhuma. O sujeito é aquilo que em mim não consigo nomear a não ser incorrendo em aporias ou a improváveis metáforas. A partir desta distinção, Lacan indica que enquanto a psicanálise orienta-se pelo sujeito a ciência o desconhece, foraclui.⁸

Tomaremos aqui, porém, outro caminho. Uma vez que nosso objetivo é resgatar a função do imaginário na sexualidade humana, vejamos o que diz Lacan a este respeito.

Trata-se, na idade adulta, de se fazer homem (...). Um dos correlatos deste "fazer-se homem" é fazer sinal, dar indício à mulher amada de que se é homem. Dessa forma, nos encontramos situados de saída na dimensão da aparência [semblant] (...). Tudo o atesta inclusive as referências usuais aos comportamentos sexuais nos mamíferos superiores (...) que mostram o caráter essencial, na relação sexual, de algo que nada tem a ver com o nível celular, cromossômico ou não, ou com um nível orgânico, mas sim de algo propriamente etológico que é o nível da aparência (...). Com certeza o comportamento sexual humano consiste em uma determinada conservação desta aparência animal.⁹

À primeira vista, Lacan parece apenas defasado, pois aparenta dar à etologia o mesmo lugar que o dos ferormônios, o do sentido por trás das máscaras. Não podemos, contudo, incorrer nesta incongruência, pois Lacan passou boa parte dos primeiros anos de seu ensino indicando de diversas maneiras que as imagens e sua função, longe de constituírem o sentido último dos acontecimentos humanos, só podem ser corretamente situadas se compreendidas no âmbito da organização simbólica da linguagem. Além disso, Lacan já tinha empreendido na ocasião todo trabalho de delimitação do sujeito acima mencionado.

Constatamos assim que, mesmo após ter subordinado o imaginário ao simbólico e isolado o sujeito do inconsciente como radicalmente distinto do ego, parece insuficiente a Lacan abordar, de um ponto de vista psicanalítico, a relação sexual sem reintroduzir a dimensão da aparência. Neste contexto, cabe, então, a pergunta: o que entende ele por aparência?

A aparência, *semblant*, mal traduzida por “semblante”, é um quase conceito introduzido no ano seguinte ao do seminário *O avesso da psicanálise*. Ela não corresponde ao imaginário como simulacro, nem, como acima, a um operador subordinado ao simbólico.¹⁰ Segundo Jacques-Alain Miller, a aparência é, para Lacan, algo entre o simbólico e o imaginário, desde que esse “entre” não seja pensado em termos evolutivos, como se ela fosse o elo perdido entre os dois (leitura que, a essa altura, espero ter tornado impraticável). Marca da realidade humana e claramente distinta do real ela, no entanto, nada manifesta de artifício e abunda na natureza: trovão, sombras, meteoros, arco-íris são suas figuras emblemáticas. Como se vê, ela é sobretudo uma categoria que permite pensar até mesmo a natureza como um enxame de semblantes. Sobretudo, ela permite avaliar, de maneira fina, a articulação entre o discurso - este sim concebido como artefato, agenciamento de semblantes - e o real que este discurso visa soletrar. Isso sem recair em oposições do tipo natureza e cultura ou realidade e ilusão. Em suma, seu maior valor reside em nos permitir deslocar a ênfase da articulação entre simbólico e imaginário para o modo como nesta articulação irrompe o real.¹¹

*A única coisa em que o [comportamento sexual humano] se diferencia dela [a aparência no animal] é o fato da aparência ser veiculada em um discurso e que é somente neste nível do discurso que se chega a algum efeito que não seria da aparência. Isto quer dizer que, em vez da bela cortesia animal, acontece aos homens violentar uma mulher, ou vice-versa. Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por manter a mesma aparência, de vez em quando, há real. É o que se chama passagem ao ato e não vejo melhor lugar para designar o que isto significa.*¹²

Lacan nunca mediu esforços para indicar como apesar da presença maciça do psicanalista clichê, a quem nada surpreende, na cultura, a psicanálise é uma experiência discursiva que lida diretamente com o que nos acontece de escandalosa novidade. É o que sobressai na passagem acima, em que o real com o qual lidamos manifesta-se nesta irrupção, por vezes obscena, por vezes violenta, de algo que se apresenta como impossível. A psicanálise existe justamente porque impossíveis acontecem. O que jamais seria possível no animal, que tem seu comportamento fixado pelo semblante, mestre de toda cortesia, nos acontece. Felizmente, não é preciso que este impossível se dê como estupro para que haja demanda de análise. Uma atitude impensável foi tomada, uma ruptura se concretizou, ou simplesmente algo indizível se articulou, fazendo com que o plano de uma existência tenha sido perturbado. A partir daí, fica evidente que não se objetiva com a análise descobrir as

leis que regem nossos ditos e comportamentos mais estranhos apenas para torná-los inteligíveis, integrados. Ao contrário, trata-se de forjar um lugar para o impossível. O bordão, “Freud explica”, oculta o fato de que trabalhamos para dar lugar ao real, como tal, no discurso. Uma análise não é a lenta, estóica e sabichona assunção da castração, mas sim a decisiva reformulação do código de significações de uma vida de modo a abrigar a novidade. Ela começa por um ponto de infração ao código. Progride, sob transferência, pelos escabrosos lapsos em que algo de uma estranha satisfação passa ao dizer. Percorre as determinações anteriormente inacessíveis desta satisfação, não para transmutar o impossível em previsível, mas sim para mantê-lo no horizonte. E em seus momentos cruciais libera a potência do real que estas determinações, semblantes, encadeavam.

Este real não é o mesmo do senso comum, pois se oferece em meio aos semblantes em vez de propor-se como essência. Tampouco é o da ciência, pois este abriga as fórmulas de sua própria manipulação. Enquanto a natureza, para Galileu está escrita em letras matemáticas esperando sua apropriação pelo cientista, para Freud, é a escrita de uma análise que produzirá um novo agenciamento de semblantes, uma natureza singular. Resta acrescentar que este real, para Freud, é sempre sexual, nosso nome para o que há de contingente na cadeia das aparências. Neste sentido, a particular cortesia animal é distinta da cortesia humana apesar das duas mobilizarem semblantes. Enquanto aquela é modelagem fixa, esta última é montagem artesanal. Neste sentido, o animal não tem sexualidade, apenas uma "cortesia sexual".

O discurso, esse artifício humano será, assim, comparado por Lacan a uma nuvem. Nem o trovão, que assinala sua ruptura, nem a chuva, que a este se segue, deixam de ser semblantes. Apenas o ravinamento da água da chuva percorrendo a planície gelada da Sibéria, invisível não fora o clarão momentâneo do sol visto do avião, situa o real.¹³ Apesar da distância que separa as duas imagens propostas por Lacan para metaforizar a ruptura do semblante - a passagem ao ato inscrita no seio da cortesia animal e o brilho de um invisível ravinamento na planície (elas próprias, como não poderia deixar de ser, montagens de semblantes) - o real comparece nas duas de forma análoga. Gozo que reluz, ofusca, choca, ele está estreitamente vinculado aos semblantes que o abrigam sem com eles se confundir.

No salão de beleza global

A cortesia, que durante muito tempo foi o apanágio da civilização e do semblante está tão fora de moda que a mocinha que suspira por um homem polido deve se contentar em encontrá-lo no passado. Este é exatamente o tema de uma comédia romântica recente, *Kate and Leopold*. Meg Rian abandona esta vida e termina por mudar-se para o passado, para onde havia retornado aquele por quem se apaixonara, um homem cortês do século dezenove. Concomitantemente, a grande rota paterna, de Moisés e seu êxodo por exemplo, aquela que daria um sentido maior a nossas pequenas mazelas quotidianas e nos guiaria em direção ao apogeu da cultura, apresenta-se, como no filme *Magnólia*, apenas como o nome próprio de uma rua de bairro, vazio de sentido, encruzilhada contingente de histórias sem medida comum.

Lacan nos ajuda a compreender este fenômeno contemporâneo ao estender o campo da aparência até nele incluir o falo. Dentre muitos semblantes, a natureza oferece, na detumescência do pênis, a aparência de um órgão que às vezes está ali, às vezes não está. O falo tem assim um aspecto imaginário (de presença ereta, onipotente e totêmica, mas inerte) e simbólico (veiculado por sua apresentação tudo-ou-nada, paradoxal essência fugidia feita

de presença-ausência). Ao defini-lo como semblante, no entanto, em lugar de priorizar seu aspecto simbólico como base de todo discurso (como tinha feito até então), Lacan nos convida a pensá-lo como apenas uma dentre as possibilidades de constituição do todo discursivo.¹⁴

Um delas é a do sujeito tal como se constitui no Japão, apoiando-se "num céu constelado e não apenas no traço unário, para sua identificação fundamental."¹⁵ À bela cortesia animal, de semblantes fixos, e à cavalheiresca cortesia ocidental, de semblantes organizados em torno do Pai (um semblante de exceção), vem associar-se a inapreensível cortesia oriental, hipótese de uma montagem de semblantes que construa uma articulação original entre significante e gozo. É de se perguntar como, neste universo, os semblantes se organizariam ainda que parcialmente sem o apoio de um semblante privilegiado, ou, dito de outro modo, como o Um se daria sem a exceção fundadora do Patriarca.¹⁶

Ora, este é justamente o sentido da interrogação freudiana acerca da sexualidade feminina, Impossível abordar as aparências sem ingressar neste seu campo privilegiado. Devemos, porém, ter em mente que visamos agora menos os usos femininos do semblante fálico, essencialmente o véu e a mascarada, que seu ponto de real. Sem examinar diretamente o modo como a histérica aprisiona o real do desejo com o jogo do decote ou como, no mesmo sentido, adorna-se com suplementos estéticos, podemos dirigir nosso interesse para o ponto em que estes semblantes prescindem da castração para se estruturar. Desta forma, a maquiagem não é somente véu apostado sobre a castração, para recuperar uma parte do gozo perdido do pênis, mas eventualmente presentifica o objeto mais do que a nostalgia fálica.¹⁷

Chegamos, assim, para concluir, na formação discursiva que se propõe, contrariamente à visão habitual da ciência, como constituída unicamente de aparências. Seu habitat ideal é o salão de beleza, em que a cortesia masculina dá lugar ao frenético manuseio de semblantes. Nele ingressando, descobrimos o que já presentíamos: em nossos dias os semblantes se vendem. Como ficções de mercado em forma de objeto, cadinhos de gozo (*godets de jouissance*) segundo Lacan, eles circunscrevem um real que vai muito mais longe do que a maquiagem tradicional, pois ao remanejarmos, com Lacan, nossa noção de aparência, devemos incluir nesta versão da maquiagem a cirurgia plástica, os implantes de silicone etc. O ponto é o mesmo: submeter-se apenas parcialmente a dialética da verdade e ao agenciamento fálico em prol de um semblante protético que se acrescente ao esquema corporal e passe por real. Não é preciso, assim, buscar fisgar o homem e seu desejo, arrastá-lo para fora de sua cadeia da cortesia, quando dispomos da possibilidade de adquirir um pouco do real de seu olhar como objeto.¹⁸

Deste ponto de vista percebemos inclusive que até algo do semblante fálico já foi sintetizado, pois a ereção peniana também está à disposição. No armazém de semblantes, única inserção destes cadinhos de gozo - aparentemente autista e fora da cadeia - no Outro, o trabalho do maquiador revela-se em seu aspecto real, tendendo a ocultar tanto o resto simbólico que o mobiliza (pois é preciso pagar), quanto a contingência que ainda se apresenta (pois o resultado nunca é cem por cento garantido).

A promoção do semblante por Lacan encaminha-se em outra direção. Uma análise passa por produzir uma fórmula singular, ponto de encontro entre gozo e significante para um falante. A imagem de Lacan para este encontro sem mixagem é a do litoral, que nos promete uma maior mobilidade quanto aos semblantes e uma certa familiaridade com o real que eles agenciam. Trata-se de uma passagem estreita e abrupta que, segundo Lacan, só se realiza quando nela é possível engajar-se a cada esquina e que não desemboca em lugar nenhum, apenas em um *savoir-faire* cujo trajeto passa pela instauração do trovão como

lugar em que, para um falante, a voz e a palavra se dizem, ou ainda do arco-íris como portal no qual o feminino abraça o Todo.¹⁹

¹ MARGULIS, Lynn e SAGAN, Dorion, *O que é sexo?*, Rio de Janeiro, JZE, 2002, p. 145 (agradeço a Ana Lúcia Lutterbach por este achado).

² Cf. KOYRÉ, A. *Études d'histoire de la pensée scientifique*, Paris, Gallimard, 1973, p. ex. pp. 289 sq. e Galileu, G. "Saggiatore, 6", *Os pensadores*, São Paulo, Abril, 1978. Cf. também, MILNER, J. C *Le périple structural*, Paris, Seuil, 2002, pp. 186 e sq. e MILNER, J. C. "Lacan et la science moderne", *Lacan avec les philosophes*, Paris, Albin Michel, 1991, pp. 333-351.

³ LACAN, J. *O Seminário livro I*, Rio de Janeiro, JZE, 1986, p. 210.

⁴ Vale lembrar que isto implica em um novo conceito de saber. Há saber que não é necessariamente provido de significação, tal como o saber em jogo na lógica. Este tipo de saber, diferentemente do analista, o cientista encontra no real (cf. LACAN, J. "Note italienne", *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 308).

⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro II*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 259.

⁶ Cf. Zizek, S. *On belief*, Londres, Routledge, 2001, pp. 63 e sq.

⁷ Sobretudo desde o trabalho de Jean Claude Milner (cf. MILNER, J. C. *A obra clara*, Rio de Janeiro, JZE, 2001).

⁸ Cf. LACAN, J. "A ciência e a verdade", *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, pp. 885.

⁹ LACAN, J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant* (inédito), lição de 27/1/71.

¹⁰ Para esta tese sobre o lugar do imaginário no ensino de Lacan cf. MILLER, J. A, "Le dernier enseignement de Lacan, *La Cause Freudienne* 51, 2002, p.15.

¹¹ Cf. MILLER, J. A. *De la nature des semblants* (seminário inédito), sobretudo a lição de 20/11/91. O que segue é basicamente síntese e desenvolvimento do que se pode extrair deste seminário com relação ao *semblant*.

¹² LACAN, J. *Ibid.*

¹³ Cf. LACAN, J. "Lituraterre", *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 16/17.

¹⁴ Cf. LACAN, J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, lição de 9/06/71.

¹⁵ LACAN, J. "Lituraterre", *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 19. Além disso, o semblante impede que pensemos platonicamente o esforço de formalização lacaniana como ambição de soletrar o real. Neste sentido, imediatamente após ter feito reluzir a máquina simbólica e postulado a estrutura dos discursos, para evitar o risco de que seus esquemas e matemas sejam tomados como a escrita do real de uma análise, Lacan introduz o semblante e pergunta-se se haveria um discurso que não seria de semblante. Adverte-nos que o discurso é um artefato, um agenciamento de semblantes e que seu real não está escrito, nem mesmo nos matemas. Ao longo deste seminário ele afirma reiteradamente que seus grafos e esquemas funcionam mal sem a retórica que os constituiu. Tentando evitar a propagação do aprendizado de seus esquemas desvinculados da experiência que os forjou, insiste que sem sua saliva, sem o gozo que os inscreveu, eles não veiculam o real da psicanálise. "Há aqueles que pretendem me comentar partindo dos grafos. Estão errados, os grafos só são compreensíveis em função do efeitos de estilo, que são de alguma forma, os degraus de acesso aos grafos, aos escritos" (LACAN, J. *D'un discours...*, lição de 17/2/71).

¹⁶ As considerações de Lacan sobre o procedimento próprio do amor cortês em seu seminário sobre a ética da psicanálise, podem ser lidas no sentido de o situar como a operação do semblante sobre o real da Coisa, transformada em Dama sem que um recurso direto ao Pai. Apenas em um segundo tempo, o romantismo do século dezoito o teria ressituated no contexto dos ideais de cavalaria estes sim infensos ao Rei. É o que parece indicar Lacan quando retoma o tema em um escrito ulterior (cf. LACAN, J. "Hommage fait à Marguerite Duras", *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 196).

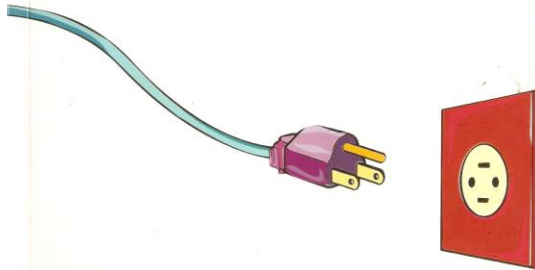
¹⁷ De modo algo análogo ao das maçãs de Cezanne (cf. LACAN, J. *O Seminário livro VII*, Rio de Janeiro, JZE, 1986, p. 176).

¹⁸ Isso não seria o fim da relação sexual porque ela nunca existiu, apenas uma alternativa aos (des)encontro sexuais norteados pela instância paterna. Podemos inclusive declinar seus efeitos na cadeia da cortesia: precariedade dos casamentos, desaparecimento dos noivados, instabilidade dos namoros.

¹⁹ Cf. LACAN, J. "Lituraterre", *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 16.

> clique <

Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise
do Campo Freudiano



O sexo e seus furos

Agosto 2003 Nº 2

REVISTA DOS INSTITUTOS BRASILEIROS DE PSICANÁLISE DO CAMPO FREUDIANO

Editor
Ram Mandil

Redação
Márcia Rosa
Simone Oliveira Souto

Conselho Editorial
Antônio Auro de Beneti
Jorge Forbes
Maria Luiza Mota Miranda
Romildo do Rego Barros

Consultor
Jacques-Alain Miller

Publicada pelos seguintes Institutos:
Instituto do Campo Freudiano de São Paulo
Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais
Instituto de Psicanálise da Bahia
Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro

Projeto gráfico e editoração
Murilo Godoy

Revisão
Mariângela Ramos Pimenta

Endereço:
Rua Felipe dos Santos, 588
Lourdes, Belo Horizonte, MG
CEP: 30180-160
Tel: (31) 3275-3073
e-mail: ipsemg@veloxmail.com.br

Tiragem: 800 exemplares

Número 2 - Ano 2003

Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo
Freudiano. - O sexo e seus furos - n.1 (abr. 2002) - Belo Horizonte :
Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 2003.
V.
Anual
ISSN: 1678-8841

1. Psicanálise - Periódicos 2. Relação sexual I. Instituto de
Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

CDD: 150.195

Uma partilha sexual > Jacques-Alain Miller	12
A escolha do sexo > Graciela Brodsky	30
Nada de sexo, por favor, somos pós-humanos! > Slavoj Žižek	36
Devastação na psicose > Elisa Aharanga	44
Epidemia de Medéias - Novos modos da desorientação pulsional > Jorge Forbes	50
O que é a saúde para o sexo? > Celso Rennó Lima	56
Sexo, desejo e devastação > María Josefina Sola Fuentes	62
"Não há relação sexual senão ali onde há sintoma" > Sônia Vicente	68
Sexo e lógica > Heloisa Caldas	74
A falta (matemática) de razão na loucura > Henri Kaufmann	80
Da bissexualidade à "não relação": uma virada lógica na teoria psicanalítica > Maria Luiza Mota Miranda	84
Sexo cortês > Marcus André Vieira	90
Uma ética "fora-do-sexo": Marcel Duchamp e Fernando Pessoa > Márcia Rosa	96
Nós e horas > Ana Lúcia Lutterbach-Holck	104
Da Mesmo ao Outro sexo > Antônio M. R. Teixeira	110
Cadernos 0.2 da Comissão Matemáticas > Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano	116
Sinóptico dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano > Comissão Matemáticas	124